



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

PARENTALIDADES ADOTANTE E BIOLÓGICA: DOIS LADOS DO VÍNCULO FAMILIAR

ADOPTIVE AND BIOLOGICAL PARENTALITIES: TWO SIDES OF THE FAMILY BOND

Susana Kramer de Mesquita Oliveira¹

Raissa Ruana Matias de Lima²

Cíntia Viana Ramos³

Resumo

Trata-se de um projeto desenvolvido a partir da disciplina de Práticas Integrativas II (Psicologia), em parceria com uma instituição-abrigo. A análise dos casos, a metodologia das ações e as discussões teóricas foram fundamentadas na abordagem sociodramática, enfatizando-se o exercício da criatividade e da espontaneidade como modo de ampliação dos vínculos e reconfiguração das relações, bem como a dramatização como exercício de protagonismo. O presente artigo evidencia a vivência de um grupo de familiares biológicos e adotantes, em um processo que implicou em forte repercussão para os integrantes. Participaram: um casal, que estava finalizando o processo de adoção de seu primeiro filho; uma senhora que desejava reaver a guarda de suas netas, ainda residentes na instituição. O processo grupal deu ensejo a importantes percepções e reflexões, a partir das quais tanto a representante da família biológica, como os pais adotivos ressignificaram seus pontos de vista a respeito da parentalidade.

Palavras-chave: Adoção; Parentalidade; Psicodrama.

Abstract

This is a continuous project in the discipline of Integrative Practices II (Psychology), in partnership with an institution-shelter. The analysis of the cases, the methodology of the actions and the theoretical discussions were based on the sociodramatic approach, that emphasizes the practice of the creativity and the spontaneity as a way of expanding the bonds and to reconfigure of the relationships; and the dramatization as an practice of protagonism. This paper evidences the experience of a group of biological and adoptive family, in a process that had strong repercussion for the participants. They was a couple who was finalizing the process of adoption of their first son, and a lady who wished to recover the guard of their granddaughters who still were in the institution. The group process evidenced important perceptions and reflections, from which both the representative of the biological family and the adoptive parents re-defined their points of view regarding parenting.

Keywords: Adoption; Parenting; Psychodrama.

¹ Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Coordenadora do Laboratório de Relações Interpessoais (L'ABRI) e do projeto Cirandas. E-mail: susanakmo@gmail.com.

² Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), monitora do Projeto Cirandas. E-mail: ruana@gmail.com.

³ Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), monitora do Projeto Cirandas. E-mail: c.viana.r@gmail.com.

INTRODUÇÃO

“O que vem às suas mente quando vocês pensam em família?”. Essa foi a primeira pergunta da professora aos alunos da disciplina Práticas Integrativas II, no seu primeiro dia de aula, após as devidas apresentações. Algumas das respostas foram: “Mudança, porque são muitas configurações”; “Suporte; ter com quem contar e para onde voltar”; “Relações e reconstrução de relações”.

Práticas Integrativas II é uma disciplina obrigatória do curso de Psicologia, com carga horária semanal de cinco horas, sendo propostas atividades práticas que ressaltem competências e habilidades apontadas no Projeto Pedagógico do Curso (DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, 2009). Os estudantes são distribuídos em um grupo de três ou quatro professores, os quais passam a orientar até dez alunos em aulas práticas que devem envolver: atividades de grupo, discussões de textos, visitas institucionais, ações em campos específicos, produção de diários de campo, análises de relatos e planejamento contínuo das ações com base na compreensão teórica e vivencial. As atividades devem ser realizadas conjuntamente, por professores e alunos, discutidas ao longo do processo, possibilitando aos estudantes uma maior integração entre teoria e prática psicológicas, relativas a campos e a temas particulares (COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA, 2011).

Visando ao objetivo de integrar teoria e prática, antes mesmo do primeiro encontro, uma das professoras da referida disciplina, costuma orientar seus alunos no estudo de um pequeno livro (“Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno”, de Gonçalves *et al*, 1988), que apresenta um pouco da história da construção da Socionomia, a qual inclui o conjunto teórico e técnico da abordagem conhecida como Psicodrama ou Sociodrama.

A Socionomia de J. Moreno (1975; 1983; 1993) inclui três eixos: a Sociometria, que estuda a natureza e a dinâmica das relações interpessoais; a Sociatria, que apresenta diversos conceitos propostos pelo autor, esclarecendo os modos de promoção de saúde mental, associados a aspectos do desenvolvimento do indivíduo e de suas relações (FONSECA, 1980); e a Sociodinâmica, que se constitui em práticas de terapia de grupo, implementadas por procedimentos e técnicas específicos.

Para a realização das vivências de Práticas Integrativas, a citada professora, psicodramatista, tem desenvolvido, desde que assumiu a disciplina em 2011, grupos de intervenção com base na abordagem

sociopsicodramática, em campos diversos. Com o objetivo de realizar uma intervenção mais abrangente, a professora, nos últimos dois anos, iniciou um trabalho contínuo em uma instituição-abrigo, propondo-se a alcançar todas as crianças em desenvolvimento típico, efetivando o seu acompanhamento longitudinal.

Vários fatores evidenciam que os cuidados oferecidos nas instituições de acolhimento são insuficientes para a promoção do desenvolvimento e da saúde mental infantil. Dentre eles, pode-se mencionar que o grande número de crianças para um pequeno número de profissionais acaba por limitar as crianças a cuidados impessoais, coletivos, que pouco possibilitam o reconhecimento de suas necessidades e singularidades, o que pode levá-las tanto a posturas de passividade e indiferença, como agressivas e ambivalentes. Assim, a literatura (SPITZ, 2004; BOWLBY, 2002; VALTER, 1998; OLIVEIRA, 2004) tem apontado diversos fatores decorrentes da institucionalização como desencadeadores de problemas no desenvolvimento infantil.

Por outro lado, há estudos (PINTO *et al*, 2009; OLIVEIRA, 2008; FELIPINI, 2013) demonstrando que “a prática sociopsicodramática oportuniza o contato e a construção de modelos relacionais saudáveis, fazendo diminuir as incongruências grupais” (pp. 139-140), e confirmando a tese psicodramática de “que a característica relacional do ser humano é o grande veículo de cura e de superação das adversidades” (p. 140).

Além da adoção tardia – em que as crianças ficam muito tempo à espera de uma família –, o próprio processo de retorno à família de origem, por recuperação da guarda, também é lento. Boss (2000) denomina tal condição de “perda ambígua”. Em seu livro “Ambiguous loss: learning to live with unresolved grief” (“Perda ambígua: aprendendo a viver com um luto não resolvido”), explicita que o reconhecimento da perda ambígua se dá de forma diferente em cada indivíduo e pontua que se trata de “um conflito entre sentimentos positivos e negativos em direção a pessoas ou a conjunto de ideias” (p. 61), sendo a principal forma de ajuda o reconhecimento de sentimentos conflitantes, de acordo com as possibilidades de acesso que cada criança permite a tais sentimentos em sua vivência.

A privação de afeto e cuidados das crianças pelas figuras de referência pode comprometer a capacidade de se vincularem, bem como a sua competência nas relações interpessoais não só com os filhos (devido à privação parental e familiar,) mas também de pais e de outros membros da família, que também vivenciam um estado de espera sem garantias (GUYTOTAT, 1980). O caso da avó biológica, trazido no

relato a seguir, demonstrará essa situação de ameaça e fragilidade do vínculo diante das demandas legais, bem como da reação de ambivalência (rejeição x aceitação da avó) por parte de uma das netas, em sessão posterior à relatada nesse artigo. No campo da adoção, há histórico, na referida instituição-campo, de desistência, tanto por parte dos pais, como dos filhos adotantes.

A vivência de pertencimento desses infantes tem o caráter de transitoriedade: não sabem se serão adotados, se regressarão às suas famílias biológicas, se o abrigo é ou não a sua referência de casa. Britto (2002) lembra que: “O provisório, o passageiro, tira do indivíduo a condição de pertencer, que quer dizer ser ou fazer parte de alguma coisa. Pertencer é uma necessidade intrínseca da existência humana.” (p. 79)

Conhecer a condição de vida das crianças e de seus familiares complementares – revestida de ambiguidades e ambivalências – torna-se um grande desafio. O Psicodrama e o Sociodrama são propostas teórico-práticas fundamentais nos contextos em que as adversidades atingem a dinâmica de relacionamentos (MORENO, 1992), tal como a que se observa nas instituições de acolhimento infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

As teorias sacionômicas de Jacob Levy Moreno podem dar suporte às Práticas Integrativas do curso de Psicologia, tanto na dimensão teórica, como metodológica. Tal abordagem advoga que “o homem adoce e se cura na relação” (MORENO, 1997 *apud* BUSTOS, 1982, p. 202), subsidiando os estudos das relações interpessoais e grupais, através de um rico arsenal de conceitos e instrumentos de intervenção, que permitem compreender, avaliar e intervir em contextos de relacionamento, notadamente aqueles que se encontram em condição de vulnerabilidade relacional. Por meio do exercício da criatividade e da espontaneidade, os vínculos podem ser ampliados e as relações reconfiguradas.

Para Moreno (1992), as configurações que cercam o indivíduo e os grupos vão se alternando nas relações interpessoais e nas trocas intergrupais, podendo-se discernir nestas um padrão afetivo de “atração, repulsa e indiferença no limite entre indivíduos e grupo.” (p. 173) O autor enfatiza a singularidade de pessoas e grupos através dos conceitos de “espontaneidade-criatividade” e de “tele-transferência”, no contexto dos papéis sociais. Ambos conjuntos conceituais respaldam-se na concepção de homem proposta por Moreno. O primeiro evidencia um homem

vocacionado à expressão e à realização de atos inéditos e de conteúdos singulares; e o segundo a reciprocidade (tele) ou não reciprocidade (transferência) de suas percepções e experiências interpessoais, no campo de possibilidades do encontro eu-tu (BUBER, 1995).

A análise sociométrica e a vivência sociodramática oferecem uma ótima compreensão das dinâmicas e oportunidades para inserção de novos modos de interação e para o desenvolvimento da noção de pertencimento que pode ser estendida a diferentes grupos. Nas palavras de Moreno (1975),

“Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança. Uma vez estabelecida a matriz de identidade e completamente formado o complexo de imagens intimamente associadas à sua intensa participação na ‘unicidade’ do ato, estão criadas as bases para ‘futuros’ atos combinatórios.” (p. 112)

Enquanto proposta metodológica, o modelo sociopsicodramático propõe modos de funcionamento próprios para o grupo terapêutico. Os papéis são definidos da seguinte forma: um diretor (a professora ou um estagiário) é responsável pela condução do grupo dentro de cada fase do processo e pela criação de cenas (na etapa da dramatização), inspiradas nos conteúdos trazidos pelos protagonistas (papel assumido pelos participantes da instituição). Os alunos da disciplina (e outros voluntários) assumem o papel de egos auxiliares, ou seja, são os coadjuvantes que contracenam com os protagonistas.

Assim sendo, em todas os projetos realizados nas Práticas Integrativas, os alunos foram preparados, pela professora da disciplina, dentro da abordagem sociopsicodramática, para assumirem a função de egos auxiliares. Nas sessões, foram utilizados jogos psicodramáticos, teatro espontâneo, técnicas lúdicas e projetivas. A orientação aos alunos aconteceu antes, durante e ao final das sessões, incluindo a indicação de leituras, a explicação de conceitos, o treinamento com dramatização, o planejamento e a discussão das sessões.

A primeira fase do projeto foi realizada com a turma de 2016.2, da disciplina de Práticas Integrativas II; e, consistiu em um atendimento grupal, de quatro crianças da instituição (dois pares de irmãos), durante uma hora e meia, semanalmente, em uma sala da clínica-escola de Psicologia da UFC, em que foram realizadas oito sessões.

As crianças costumam chegar à instituição em idades e níveis diferenciados de desenvolvimento

cognitivo e afetivo. Na constituição do grupo sociodramático em pauta, essas diferenças foram mantidas, sendo critério de participação apenas que todos tivessem a presença de, no grupo, um irmão biológico. Desta forma, tornou-se possível acessar os vínculos residuais familiares e, ao mesmo tempo, manter a diversidade etária típica da instituição-abrigo.

Os trabalhos do grupo focalizaram em questões relacionais, que se configuravam como dinâmica familiar (interação entre irmãos) e como convivência institucional (interação com outra criança da instituição). Foram questões importantes: os comportamentos provocativos frente aos acolhedores, a cooperação e a competição entre os irmãos.

A segunda fase do trabalho (realizada com a turma de 2017.1 da disciplina de Práticas Integrativas II) consistiu no atendimento a um grupo constituído por um casal que estava finalizando o processo de adoção de seu primeiro filho e por uma senhora que dera entrada no processo de recuperação da guarda de suas netas que estavam na instituição.

A terceira fase do projeto (desenvolvida com alunos de 2017.2 e ex alunos da disciplina de Práticas Integrativas II) incluiu a visita sistemática dos alunos, em grupo, às crianças da instituição. Não obstante a condição caótica em que se configuram suas relações, os anos em que as crianças ficam sendo assistidas pela instituição são fundamentais à formação de suas identidades. Nesse contexto, sabe-se que os visitantes que transitam pelo abrigo interferem marcadamente em suas afetividades e dinâmica. Assim, os alunos visitantes são orientados a perceberem os modos vinculares das crianças, a compreenderem suas dinâmicas e a atuarem na promoção de um contexto relacional espontâneo e criativo.

Os estudos e intervenções com crianças e pais da instituição realizados nos últimos três semestres letivos da disciplina objetivaram, de um modo geral: 1) suprir a demanda de atenção, de escuta e cuidado; 2) promover experiências e interações afetivas significativas; 3) oportunizar o desenvolvimento do potencial criativo e espontâneo desses pequenos protagonistas; 4) favorecer a construção de vínculos familiares saudáveis; 5) enriquecer as relações interpessoais no cotidiano da instituição.

Em todas as etapas desse programa, a preparação dos alunos envolveu dramatizações em que pudessem ocupar o lugar das crianças ou dos pais, com o objetivo de compreenderem e saberem se relacionar com os mesmos, complementando-os como egos auxiliares. Em contextos relacionais em que há a presença de crianças, essa sensibilidade por parte dos egos auxiliares torna-se ainda mais necessária. Zerka

Moreno (1975) corrobora com essa posição, advogando que:

“(...) é mister, de antemão, tentarmos compreender e recriar, para nós mesmos, o mundo no qual a criança vive durante os três primeiros anos de sua existência, antes de empreendermos qualquer experiência científica com uma criança. (...) Melhor, nós mesmos devemos ter a coragem de nos reduzirmos à condição infantil e pensarmos como se fôssemos uma criança.” (p. 55)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro dia de aula do primeiro semestre de 2017, na disciplina de Práticas Integrativas, foi apresentada e aceita a proposta de continuidade do trabalho anteriormente realizado na mesma unidade de acolhimento infantil, porém, dessa feita, oferecendo acompanhamento aos pais. Foi agendada, então, uma visita à instituição para que os assistentes sociais da casa compartilhassem as demandas desses novos protagonistas. Durante a visita, foram indicados possíveis participantes para o grupo, sendo apresentados os seus históricos. Após o convite realizado aos pais, uma segunda visita foi realizada para apresentação do projeto aos interessados, acordando-se o horário mais adequado e a data de início das sessões (em um total de oito).

Três interessados conseguiram conciliar seus horários para participarem do grupo (nomes fictícios): O casal Lia e Artur (próximos aos 40 anos de vida), que viviam, há alguns anos, o processo de adoção de K (de 5 anos), e que o haviam levado, recentemente (há cerca de dez dias), para casa. E Liz (próxima aos 60 anos de idade), que estava lutando pela guarda de suas netas C (de 5 anos) e M (de 3 anos), levadas para a unidade de acolhimento devido negligência materna, e que haviam participado do grupo de irmãos, acompanhado pelos participantes das Práticas Integrativas, no semestre anterior.

Além dos três protagonistas e da professora que atuou como diretora nas duas primeiras sessões, participaram cinco alunas como egos auxiliares e também uma assistente social da instituição que tinha um ótimo relacionamento com os protagonistas. Também, a cada sessão, uma das alunas mantinha-se em uma sala ao lado, acolhendo durante o atendimento, a criança recentemente adotada pelo casal, pois este não tinha com quem deixá-la. Antes de cada encontro com o grupo de protagonistas, os alunos se reuniam com a professora para o aquecimento dos egos, fase

fundamental do processo orientada por Moreno (1993), facilitadora da espontaneidade e da criatividade necessárias à complementação adequada aos protagonistas, no contexto das relações a serem propostas pelos mesmos.

Nesse segundo encontro, os participantes vivenciaram o que talvez fosse a cena mais temida para cada um deles: a família biológica querendo o filho adotivo de volta, mas perdendo definitivamente a sua guarda. Nesse momento, o casal Lia e Artur ainda não tinham adquirido a guarda definitiva de K (o que se concretizou até o final do processo terapêutico), tendo, inclusive, enfatizado, diversas vezes, o temor do filho de voltar ao abrigo, o que também parecia refletir no emocional dos pais. Liz, por sua vez, vivenciava a luta (ainda não concluída) pela recuperação da guarda das netas, tendo já sido consumada a adoção de outro neto por outra família – fato sobre o qual, todavia, a avó nutria ainda esperanças de reverter.

Liz é uma senhora simples, trabalhadora e muito simpática. Durante a sessão, a protagonista ressaltou a forte relação (como filha única) que teve com seu pai falecido, o qual criara a neta mais velha (filha de Liz e mãe de C e M), desde pequena; descreveu também os fatos relacionados à perda da guarda das netas; explicou ainda que a mãe das meninas (usuária de drogas) deixava, com frequência, C e M sozinhas em casa, vindo a saber muito tempo depois que as meninas tinham sido levadas para o abrigo, pois evitava ir à casa de sua filha. Resumiu ainda a história dos outros filhos, especialmente sobre como reagiram à sua decisão de pedir a guarda das meninas.

Na dramatização, os alunos representaram os filhos, enquanto Liz elaborava uma frase e a endereçava a cada um deles, escutando, na sequência, as respostas criadas espontaneamente pelos egos auxiliares. Em relação à mãe de C e M, o diálogo foi acompanhado de emoção, enfatizando-se o seu consumo abusivo de drogas. Após o rápido diálogo, Liz se emocionou, reafirmando, para o grupo, o que ouvira dela (isto é, do ego auxiliar): “É, ela não tem controle, não é culpa dela”.

O casal Lia e Artur falou sobre a convivência doméstica recente com C, a adaptação e as dificuldades desse novo momento para os três. São casados há 17 anos, e, no início, Lia não queria filhos; depois de vários anos, tentaram engravidar, por muito tempo, mas sem êxito. Diante dessas dificuldades, Artur pensou em adotar e, depois de compreender melhor o processo, Lia venceu seus receios e preconceitos – “Eu pensava: eu que não vou criar filho dos outros”. Compartilharam, então, alguns fatos relacionados ao processo de adoção de K e às emoções que estão experimentando com o

filho, há poucos dias finalmente em casa, aguardando a guarda definitiva. Artur, concluiu com a expressão: “Parece que ele sempre foi nosso filho”. De um modo geral, as questões trazidas pelo casal adotante diziam respeito, principalmente, à insegurança de K, que tinham acabado de adotar, pois relatavam que, embora estivessem se relacionando muito bem, o filho tinha muito medo de ser levado de volta para a unidade de acolhimento.

A professora-diretora, então, solicitou que cada par do casal escolhesse uma aluna representando o filho, para quem falariam o que desejavam dizer a K, mesmo que considerassem ser difícil para ele, como criança, entender. Lia falou que K não precisaria mais voltar à instituição; que ela era sua mãe; que aquela era a sua casa agora; e pediu que confiasse nos pais, pois o amavam muito. Artur pediu que o olhasse nos olhos, que confiasse nele; falou que o amava muito e que não iria abandoná-lo nunca. K (isto é, o ego auxiliar), chorando muito, disse ao pai que tinha muito medo de ser abandonado, que os amava muito e que queria que fossem seus pais para sempre.

Houve grande emoção quando o pai disse para K (representado por uma aluna), fitando-lhe nos olhos, que podia confiar nele. O ego auxiliar, emocionado (chorando) no papel de filho, respondeu que ainda tinha medo de voltar ao abrigo, que era tudo novo para ele, e que amava os pais. A diretora aproximou-se, então, da aluna–ego-auxiliar, acolhendo-a, e pedindo que cada participante, lhe transmitisse um gesto ou palavra.

Ao final, todos compartilharam seus sentimentos. Em momento posterior, o ego auxiliar que ocupou o lugar da criança, expressou que, sendo aquela a sua primeira experiência com psicodrama, havia usado sua própria história de vida para representar, com mais empatia, o lugar de K; comentou sobre o momento em que se emocionou como sendo “bastante significativo, pois me fez ter um olhar mais amplo do ‘eu’ que está em mim e do ‘outro’ que não deixa de ser ‘eu’ (...); curou um K que existia em mim, por isso sou muito grata ao carinho de todos naquele momento”.

Na semana seguinte, os egos auxiliares e a diretora encontraram-se para o compartilhamento sobre a sessão anterior e para um exercício de aquecimento, em que cada um foi convidado a complementar a frase: “Sou K, e estou...”. Estavam presentes, além das mesmas participantes, mais uma aluna e um aluno. A assistente social ficou com o filho do casal, nesse dia.

Lia e Artur narraram a satisfação de se tornarem pais de K, acrescentando alguns detalhes do processo. Liz também complementou alguns dados da sua história familiar, o pedido de seu pai para criar a sua filha mais velha (mãe das netas que estão no abrigo), o qual

pareceu lhe render muitas emoções, associadas ao forte amor que cultivava pelo pai, já falecido. Falou também de seu estilo de vida antes e depois da maternidade, a notícia da gravidez recebida com alegria pelo ex-companheiro, os problemas financeiros que tiveram e o fim do relacionamento. Por fim, Liz comentou, com emoção, a existência de outro neto bebezinho, irmão de C e M, e que também fora deixado no abrigo, mas que já estava adotado por uma família, e expressou o desejo de reavê-lo, alegando que 'era seu sangue e possuía família'.

A partir desse contexto, a professora-diretora propôs uma cena que veio a ser dramatizada em meio a marcantes emoções e significados. Egos auxiliares representaram o casal e N (o filho adotivo, neto de Liz), além de uma assistente social que, na dramatização, mediou o encontro. Na cena, Liz foi recebida pela família adotante, viu o neto e conversou com o casal sobre o desejo de reaver a criança. O casal respondeu não ser possível, pois o menino agora era seu filho. Na sequência, foi perguntado a N como estava se sentindo e se queria acompanhar a avó biológica. O menino, na cena, respondeu estar bem, se sentindo seguro e que não queria ir embora. Neste momento, a diretora, congelou a cena e colocou um ego auxiliar no lugar de Liz para que esta pudesse observar a cena de fora. Também, Artur e Lia tomaram a posição dos pais adotivos, sendo trazido para o lugar da criança outro ego auxiliar, o qual, desta feita, representaria K, o filho adotivo de Artur e Lia.

Quando a cena foi descongelada, Lia deu continuidade ao diálogo, enfatizando que K, agora, era filho deles, que todo o trâmite legal e burocrático havia sido realizado para que tivessem a guarda de K, e que o menino não poderia ser retirado deles. Textualmente, Lia disse para o ego auxiliar que representava Liz: "Me desculpe, mas a senhora demorou demais a ir atrás do seu neto", deixando claro que, se, no decorrer do processo, Liz tivesse solicitado logo a guarda, a criança não teria sido adotada; mas, como decidira tardiamente, não seria mais possível reavê-la; aconselhou ainda que Liz se concentrasse na luta pelo retorno das outras netas, C e M, à família. Concluiu dizendo que estava de acordo que o filho recebesse visitas de seus parentes, mas que "jamais" iria desistir de seu filho em prol da família biológica.

Nesse momento, a diretora inverteu os papéis de Lia e Liz, perguntando o que sentiam nessa nova posição. Lia sentiu o desespero da família biológica em busca da recuperação da guarda de um filho ou neto, e Liz sentiu o impacto do surgimento da família biológica querendo levar a criança de volta. Ao retornarem aos seus papéis originais, as duas experimentaram grande reciprocidade: Lia disse para Liz que não perdesse as

forças, mas continuasse lutando pela guarda das netas, se era isso que ela realmente queria; e Liz, demonstrando compreender as motivações de Lia, comentou: "Ela é mãe mesmo!".

Também foi dada oportunidade para o ego auxiliar que representava K tomar a posição que desejasse diante do conflito, diante do que respondeu à avó que ficasse tranquila, pois estava muito feliz e sendo muito bem tratado pelos pais adotivos. Todos os participantes compartilharam os sentimentos que experimentaram ao representarem seus personagens, na cena. Liz pareceu ter ressignificado a adoção do neto, pois, nas demais sessões, não retomou o assunto, concentrando-se na recuperação da guarda das outras duas netas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No encontro narrado, algumas importantes reflexões foram realizadas pelos protagonistas nas interações entre si e com os egos auxiliares, tendo a avó ressignificado seu ponto de vista a respeito da adoção. Um exemplo disso estava presente na fala "ela é mãe mesmo", fazendo referência à mãe adotiva. Além disso, percebeu-se, em sessões posteriores, que Liz ganhou mais confiança e se sentiu mais fortalecida para continuar lutando pela recuperação da guarda das netas; enfrentou, não somente as questões jurídicas, mas as relacionais, a saber, ambivalências próprias da situação indefinida que vivenciavam, e que interferiam no vínculo interpessoal com cada uma das netas.

Os participantes puderam elaborar seus conflitos – condição fundamental ao desenvolvimento pessoal e de seus vínculos, no contexto das novas configurações familiares que estavam vivenciando –, com apoio e dentro de relações de confiança e respeito que foram sendo cultivadas no grupo. O psicodrama facilitou a percepção e resolução das ambivalências e permitiu a criação de novas perspectivas. Os alunos, por sua vez, tiveram a oportunidade de vivenciar a força da abordagem psicodramática e de suas técnicas, não só para os protagonistas, mas também para os demais participantes.

Além disso, a crescente compreensão das dinâmicas interpessoais vivenciadas pelas crianças e o fortalecimento da parceria entre os profissionais da instituição e os participantes do curso de Psicologia da UFC, têm permitido a ampliação do programa, visando à viabilização do atendimento das necessidades desse público, de uma forma mais eficiente e satisfatória.

Assim, uma nova etapa está em andamento, que consta da análise da situação vincular de todas as crianças da instituição (excetuando-se as crianças com

necessidades especiais), objetivando acessar de uma forma mais aprofundada a história de relacionamentos (de construção e rompimento dos vínculos), vivenciados por cada uma delas. Um grupo de quase trinta monitores, formado por estudantes do curso de Psicologia (incluindo alunos e ex-alunos de Práticas Integrativas), vem sendo treinado a interagir com as crianças, em configurações relacionais diádicas, triádicas e grupais, e a registrar cada dinâmica particular, sendo subsidiado por estudos à luz da abordagem de Moreno, em grupos de análise sociométrica, sob a supervisão da professora. A sociometria é uma ferramenta desenvolvida por Jacob Levy Moreno para a avaliação de interações grupais, considerando os afetos básicos de atração, repulsa e indiferença entre os participantes de uma relação (MORENO, 1983).

Denominado como Projeto Cirandas, e devidamente cadastrado na Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social, as novas intervenções na referida instituição têm como objetivo compreender o significado das ações e reações de cada criança da instituição, a partir da leitura de sua condição vincular-relacional atual, incluindo etapas subsequentes com intervenções específicas que respondam às especificidades de desenvolvimento afetivo e favoreçam sua participação efetiva na vida social e familiar em construção.

Para Cukier (1998),

“(...) crianças submetidas a qualquer tipo de abuso ou negligência dessas necessidades básicas de dependência crescem apenas física e socialmente, enquanto emocionalmente continuam, de alguma forma, humilhadas, órfãs e prejudicialmente envergonhadas, reivindicando daquilo que não tiveram, tentando reparar, a qualquer preço, sua auto-estima, sua dignidade, seu narcisismo ferido”. (p. 32)

Tal é a descrição não somente da criança, mas também do adulto que vemos hoje. Assim, a criança ferida, deixada pela família biológica e à espera de uma família adotiva, encontra-se entre as crianças feridas vivenciadas por essas duas famílias. O diálogo entre as pontas desse canal de possibilidades pode suscitar a elaboração, no contexto dos adultos, das dores da infância que tendem a ser revisitadas no drama adulto.

REFERÊNCIAS

BOSS, P. *Ambiguous loss: learning to live with unresolved grief*. Harvard College, USA, 2000.

BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRITTO, N. *Rivalidade fraterna: o ódio e o ciúme entre irmãos*. São Paulo: Ágora, 2002.

BUBER, M. *Eu e Tu*. (2a Ed.). São Paulo: Editora Moraes, 1995.

BUSTOS, D. M. *Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática*. 3a ed. São Paulo: Ágora, 1982.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA. *Ementa da Disciplina Práticas Integrativas II*. Curso de Psicologia. Universidade Federal do Ceará. 2011

CUKIER, R. *Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto*. São Paulo: Ágora, 1998.

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicologia – Universidade Federal do Ceará*, 2009.

FELIPINI, R. *Psicoterapia psicodramática com crianças: uma proposta sicionômica*. 193f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.

FONSECA FILHO, J. *Psicodrama da Loucura*. São Paulo: Ágora, 1980.

GONÇALVES, C. S. et al. *Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno*. Editora Ágora, São Paulo, 1988.

GUYTOTAT, J.. *Mort/naissance et filiation: études de psychopathologie sur le lien de filiation*. Paris: Masson, 1980.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, J. L. *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. V.1, Goiânia: Dimensão Editora, 1992.

MORENO, J. L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas: Editorial Psy, 1993.

MORENO, Z. *Psicodrama de crianças*. Edição brasileira. Petrópolis: Vozes, 1975.

OLIVEIRA, S. K. de M. Psicologia: lugares e relações. Em Vasconcelos, F. & Barros, R. (orgs). *Diversidade cultural e desigualdade: dinâmicas identitárias em jogo*. Fortaleza, Ceará: Editora UFC, 2004.

OLIVEIRA, S. K. de M. (2008). *Afetividade da família migrante: um estudo sociodramático*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2008.

OLIVEIRA, S. K. de M. (Org). Diários de Campo das Práticas Integrativas no Abrigo Tia Júlia. Arquivo pessoal, 2017

PINTO, A. C. B.; LIMA, E. O.; COSTA, A. M. B. de C. Um espaço para ser: sociopsicodrama em um abrigo para criança. *Revista Brasileira de Psicodrama*. São Paulo, vol.17, no.1, p.137-154, 2009.

SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VALTER, M. M. *Adoção Tardia: da família sonhada à família possível*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

RECEBIDO EM: 26/09/2017

PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 12/04/2018

VERSÃO FINAL: 25/05/2018

APROVADO EM: 18/06/2018